

Stadium

N.º 299

25 de Agosto de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

LUIZ ALCIDE (DO BENFICA)

na corrida em que estabeleceu o novo recorde dos 110 metros barreiras



VÁRIOS ASPECTOS

da luta individual e colectiva

Da vitória de Fernando Moreira às classificações de Rebelo, do F. C. P. e do Benfica

A «Volta» acabou, mas alguns casos a ela ligados podem interessar ainda os leitores de *Stadium*. E muitos são. Alguns percebidos no contacto com a opinião pública, sempre pronta para devaneios de toda a ordem...

Já se sabe que Fernando Jorge Moreira e o F. C. do Porto ganharam a grande prova. Vencedores absolutos. Ao triunfo nortenho tem-se feito já a história merecida na imprensa, mas tem sido um tanto lantastosa no tocante à apreensão do público.

Antes da prova, como quase sempre acontece, fazem-se cálculos sobre os prováveis vencedores e algumas afirmações arrojadas lemos e ouvimos.

A principal "corrente" põe perguntas interessantes e algumas bem insensatas. Baseando-se uma parte na classificação de João Rebelo, um ciclista nervoso e às vezes de génio incompreensível, — o que não é de hoje — julgam-no capaz de classificação mais honrosa. Mas honroso, afinal, é o seu terceiro posto, se tomarmos em conta a classe dos dois homens que o precederam: Fernando Moreira e Emilio Rodriguez.

— Porque não tentou bater Fernando Moreira?

Respondemos:

— Tentou, sim senhor.

Logo que o portense vestia a "camisola amarela", em Loulé, João Rebelo e Emilio Rodriguez, e ainda o francês Gauguain, fugiram em S. Braz de Alportel — mas Fernando Moreira acompanhou-os. Os leitores lembram-se por certo que a Serra do Caldeirão foi atravessada por este pelotão de 4 corredores, — a primeira vez que os "melhores da Volta" se decidiram, mas na mira de destronar Moreira.

Ora, na Serra do Caldeirão, nem Emilio Rodriguez destronou Moreira. O trepador espanhol, verificou a certa altura que lhe era impossível derrotar os caídos e o valor do ciclista nortenho.

Na última etapa, Setúbal-Lisboa, Rebelo e Emilio Rodriguez tentaram de novo fugir, logo à saída. Mas de novo Fernando Moreira os seguiu na sombra. Mais: — Dias dos Santos acompanhou-os igualmente, e o Benfica estava neste momento em inferioridade se a luta prosseguisse. Eram 2 (Moreira e Dias dos Santos) contra um (João Rebelo) pois nem José Martins nem

Júlio Mourão saíram com eles para a frente.

Interessava ao Benfica, afinal, fazer seguir o ataque nestas condições? Claro que não.

De resto, os propósitos de Fernando Moreira, logo que lhe vestiram a "camisola amarela" foram transmitidos a todos nos suas atitudes:

— Querem lutar? Vamos a isso...

— Não querem lutar? Lacerarei imenso..."

O ciclismo, numa "Volta", não dá para todos as exigências do público. Na última grande prova foi-nos dito por dirigentes ou pessoas de influência na equipa do Benfica, e também no nosso camarada Manuel Mota, que alguns homens do Benfica (e principalmente João Rebelo e José Martins) vinham "afanados". O termo "afanados" entre a caravana, queria dizer: — sem possibilidades físicas. Disseram-nos, mesmo, que só Júlio Mourão e Guilherme Jacinto estavam capazes para a luta, no bloco encarnado.

Logo, as possibilidades de João Rebelo não eram tantas como parece ou como se procura dizer, depois da corrida feita.

Diremos:

— Porque não bateu Rebelo o espanhol Emilio Rodriguez?

Parece-nos que o valoroso corredor do Benfica, agora tão discutido, ganharia alguns milhares de escudos mais, e ainda prestígio maior. Para bater Moreira teria de bater primeiro o famoso corredor de Espanha...

Há 2 anos, Fernando Moreira, estreante na prova, conseguia melhor do que João Rebelo, e a despeito de tudo quanto fez não conseguia bater José Martins, embora o separasse pouco tempo!

E porque não fez melhor José Martins? Então José Martins não perdeu em cerca de 50 quilómetros um avanço de 11 minutos sobre Fernando Moreira? Não seria este facto motivo forte para críticas — se elas interessassem ao "dize ta-direi eu"?

Achamos, por tudo isto, que a "Volta de 1948" teve um desfecho lógico, e que se alguns corredores mais não fizeram foi por lhes não ser possível. Poderia o Benfica conquistar o primeiro lugar? Mas que dúvida... No entanto, analisadas as vantagens e desvantagens hiatamente, e visto que de um lado e de outro encontramos homens capazes de ganhar com brio e dignidade, parece mais aconselhável aceitar a sorte da luta como certa e irrevogável.

Nós vimos, todos viram, evi-

dentemente, que a certa altura se provocava um jogo sério de "mareação" e "desmareação" — uma espécie de "jogo de pares", como disse Real de Oliveira.

O F. C. do Porto, interessado em defender mais do que "estacar", tinha dado esta ordem:

— Cada um ao "seu"!

E, claro está: Moreira para João Rebelo, Berrendero para José Martins e Dias Santos para Júlio Mourão. Todos os movimentos das equipas azul-branca e encarnada andavam à volta desta colocação.

Entre as duas equipas — "existia" uma outra: a do Académico. A formação académista tinha 3 estrangeiros de muita categoria: Atilio, Gauguain e Chapin. E qualquer deles, de vez em quando, faziam estragos, e tantos que na primeira parte da prova existia luta, sim, mas para o segundo lugar, entre os benfiquistas e os homens do Académico. O F. C. do Porto tomou logo de entrada, ou quase, o comando por equipas, e a sua sorte esteve apenas em perigo, verdadeiramente, por duas vezes: a primeira, na etapa Loulé-Beja; a segunda quando José Martins fugia a caminho de Setúbal e conseguia cerca de 11 minutos de vantagem.

Chegamos agora à conclusão de que, afinal, a atrevida vitória do Benfica se perdeu mais por falta de pernas em José Martins. Temos de relembrar que Fernando Moreira bateu Martins, apanhando-lhe toda a vantagem, 11 minutos, apenas em 50 quilómetros...

— Mas Rebelo deixou fugir Fernando Moreira, que de 100 metros chegou a 7 minutos e alguns segundos mais de vantagem...

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252
Telefone, 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERME DE M.
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA M.

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LINDA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Verdade. Mas outros valores deixaram fugir Moreira: Emilio Rodriguez, o principal ressoado, 3 segundos menos classificação geral, também deca por vencido. E Gauguain dos valores mais aparados da "Volta", depois de fugir também com Martins, quando o vencedor da prova passou por ele estava impossibilitado de seguir!

As coisas de ciclismo não podem discutir de ânimo limpo nem devem ser apreciadas demasiadamente a distância. O atleta nem sempre pode o que se julga, e muitos ciclistas contribuem para isso.

Depois da Guarda, próximo Régua, Fernando Moreira esteve em crise evidente. Um torcedor grave tocou-lhe terrivelmente o braço e uma perna. Teve uma febre, e o director do clube, Gomes de Sousa, chegou a temer um abandono em Braga. Na etapa Povos do V. zim-Porto, o vencedor da "Volta" não podia dar tudo, e por isso julgou nessa altura que a "camisola amarela" estava mais longe do seu corpo.

A outros teria acontecido o mesmo. Para se ganhar o "Volta" é preciso muito ou tudo — boa condição física, preparação para lutar, inteligência e apreciação dos golpes, alegresorte...

De contrário — nada feito. Ora Fernando Moreira e a equipa do F. C. do Porto tiveram um pouco de tudo isto, resto... é confusão, ambiente de derrota e nada mais.

Rodrigues Telles

TELEFONE 24778
(Provisório)

Manuel Martins
NOVIDADES

Alfaiate para homens e Senhoras

Rua do Telhal, 3-2.º D.º (Junto à Avenida) LISBOA

Os males do olimpismo

A crítica internacional não é muito favorável, nas suas apreciações finais à situação contemporânea do olimpismo, expresso pelos resultados dos jogos de Londres.

Os franceses queixaram-se da acção do Comité nacional e proclamaram a necessidade de confiar às Federações de cada desporto a organização técnica da competição respectiva e, em cada país, a assistência e apoio aos representantes seleccionados.

Num jornal suíço, F. Lomazzi, exprime assim a sua opinião sobre os Jogos: «Já foi demonstrado que os jogos morriam por causa da doutrina insustentável do amadorismo. Temos hoje índices concordantes de que, sobre o próprio plano desportivo, caminham para um beco sem saída. Pretender extrair da massa desportiva do mundo inteiro semi-deuses, campeões absolutos, que são apresentados como modelos, opondo uns aos outros atletas formados sob climas diferentes, em escolas distintas, com métodos discordantes é, possivelmente, audaciosa visão do espírito.

Na realidade, é uma utopia.

Que relação pode, de facto,

existir entre os jogadores de futebol que vieram da Índia e jogam descalços, e a equipa nacional britânica, por exemplo? Que significado tem a vitória de um americano, que beneficia de recursos de treino, dos quais na Suíça nem sequer fazemos ideia? Ou a derrota de um novo atleta que se sacrificou à prática de uma modalidade, suscitando apenas uma vaga simpatia popular? Quer tomemos por ponto de partida a heresia da doutrina olímpica (o amadorismo), quer nos apoiemos sobre a disparidade de recursos materiais ou de valor dos métodos técnicos, chega-se sempre ao mesmo resultado: os jogos trazem a sua condenação em si próprios.

Tomaram, aliás, desde o início, caminho errado: transformaram-se numa competição entre nações, em vez de se manterem no que apenas deviam ser: confronto entre indivíduos. Tolerar-se, com espantosa complacência, o desenvolvimento do nacionalismo num torneio cujo propósito era a glorificação do melhor campeão.

Eis o erro contra o qual é preciso lutar com maior energia, se quisermos que os jogos subsistam.»

Para mais e melhor

Com uma representação reduzida e que a sorte não ajudou, Portugal conseguiu em Londres mais do que o simples acto de presença que a doutrina olímpica considerava já como factor suficientemente satisfatório de compensação aos esforços anteriores.

Entre 59 nações concorrentes, o nosso país, com 9 pontos alcançados, classificou-se em 30.º lugar, a par do Brasil que enviara muito mais numerosa representação, e à frente da Espanha, que ocupa o 35.º posto. É certo que estas classificações são meramente officiosas, contrárias ao espírito olímpico, mas todas as consideram e por elas se interessam em particular.

A participação portuguesa nestes 13.ºs Jogos Olímpicos, por certo nos trouxe ensinamentos a aproveitar para futuras experiências; assim como agora aproveitamos a lição do passado — ou devíamos ter aproveitado — também nos próximos Jogos beneficiaremos do que os nos-

so dirigentes olímpicos ou técnicos federativos colheram pela observação dos factos.

Esperemos pelos relatórios de uns e de outros; a opinião pública precisa de ser esclarecida e por certo analisará com o maior interesse quantos documentos concretos lhe sejam fornecidos. O esforço desenvolvido para 1948 trouxe resultados concretos; houve desilusões (não fomos nós que delas sofremos) ficámos em certos desportos, aquém do que era lícito esperar, mas o conjunto suplantou em atletismo e em resultados gerais todas as anteriores participações olímpicas.

Nunca poderemos apresentar-nos numa competição olímpica com a pretensão de brigar pelos primeiros lugares colectivos; mas é legítimo aspirar a honrosas colocações em determinadas modalidades e a mais e a melhor em cada nova olimpíada decorrida.

É função de trabalho, de estudo e de persistência.

O Concurso Hípico de Sintra, que no ano transacto reapareceu sob os melhores auspícios, havia forçosamente este ano de ressenir-se com a ausência dos nove cavaleiros e que se encontram ainda em Londres e da consequente falta de muitos dos nossos melhores cavalos para provas de obstáculos.

Não quer isto dizer que faltem conseqüados «ases» — lá estiveram os internacionais José Cer-

bonita vitória de «Selecto» montado pelo tenente Joaquim Barreto relegando a «Rama» do tenente Cruz Azevedo para o segundo lugar.

Ao «Congo» coube a honra do percurso mais rápido, mas de nada lhe serviu porque se fez punir com um derrube.

A prova de «Amezonas» reuniu onze concorrentes e terminou com a vitória de D. Isabel Ribeiro Ferreira que recebeu jorjos aplausos e

CONCURSO HÍPICO DE SINTRA

velhosa, Reimão Nogueira e Joviano Ramos; os conhecidos e apreciados Miranda Dias, Alves Pereira, Pimenta e Castro, João Mesquita e Acácio Tenreiro; e os novos e esperençosos Rodrigo da Silveira, Pereira de Almeida, Craiveiro Lopes e tantos outros — mas, será inútil deixar de o confessar, fez-se sentir a falta de Helder Martins, de Correia Barreto, e de Henrique Celado, para mencionar apenas os que se encontraram melhor montados.

No apreciado lote de cavalos inscritos nota-se a ausência de «Zueria», «Alcoa», «Opilus», «Xerex», «Vouga» e «Gasa», considerados vadelets em qualquer Concurso. O certame deste ano, feito sensivelmente nos mesmos moldes do de 1947, todavia, arrancou-lhe um exito que sinceramente não prevíamos e que vai além da nossa espectacularidade.

Para isso muito contribuiu não só a sua magnífica organização como, principalmente, o valor incontastável de alguns «conjuntos» que nele se apresentaram francamente bem.

Na «Omniun» disputada por 54 concorrentes, o percurso, formado por 12 obstáculos à altura máxima de 1.º, 30, não oferecia serias dificuldades. Foi uma prova agradável de acompanhar e teve interesse até aos últimos cavalos — os consagrados «Raso» e «Congo».

Em boa verdade qualquer deles teria ganho se não dessem um toque, visto que fizeram os percursos mais rápidos da prova. O tenente Pereira de Almeida conduziu o «Raso» multíssimo bem e o capitão Reimão Nogueira brilhou, como sempre, na condução do «Congo».

A vitória pertenceu ao tenente Rangel de Almeida, no «Febus» — um conjunto que promete impor-se — seguido dos tenentes Pimenta e Castro na «Princesa», Silva Ramos no «Pinóquio» e Acácio Tenreiro no «Wassington King», todos sem falta.

Na prova «Discípulos» há que destacar o boa vitória de Henrique de Mendia no «Que Foi» que, com o «Baculho» se classificou ainda em 3.º lugar.

As provas do domingo seguinte tiveram mais público e foram, como es da véspera, agradáveis de seguir.

Na primeira, denominada «Seiteis», os 12 obstáculos tinham a altura máxima de 1.º, 30 e disputaram-na 50 concorrentes. Houve luta entusiástica para o posse dos primeiros lugares e registou-se uma

que também arrancou o 3.º lugar. As provas do terceiro dia tiveram interesse e animação.

Na «Caça», destinada a cavalos sem «handicap», em que a altura máxima era de 1.º, 20 e as penalizações as da tabela B, isto é, com as faltas transformadas em tempo, com 15 segundos por cada obstáculo derrubado, a vitória coube ao capitão José Carvelhosa na «Florida», que realizou um percurso rapidíssimo e sem faltas, inteligentemente executado.

«Princesa» e «Faneça» montadas pelos tenentes Pimenta de Castro e Cruz Azevedo ocuparam com brilho os dois lugares imediatos.

O capitão Barreto que chegara na véspera de Londres, inscreveu o «Facho» e meteu-o entre os premiados.

No «Grande Prémio», a prova estava difícil visto que além de se exigir a velocidade de 400 metros por minuto havia 12 obstáculos à altura máxima de 1.º, 40 que obrigavam, no entanto, a 15 saltos, alguns dos quais nada fáceis, como por exemplo, o duplo de «coxers».

O capitão Reimão Nogueira conduzindo o «Congo», foi o grande triunfador, pondo em evidência o valor do «conjunto». Conseguiu o mais rápido percurso, apenas com um só derrube e com ele derrotou o tenente Cruz Azevedo que, com um último percurso de «Rama», ocupou largo tempo o 1.º posto.

Reapareceu nesta prova o tenente Celado montando «Refused».

Finalmente no domingo — último dia de provas — teve lugar a denominada «Câmara Municipal de Sintra», na qual mais uma vez se impôs o capitão Reimão Nogueira no «Congo», que repetiu a proeza da véspera e venceu com absoluto mérito.

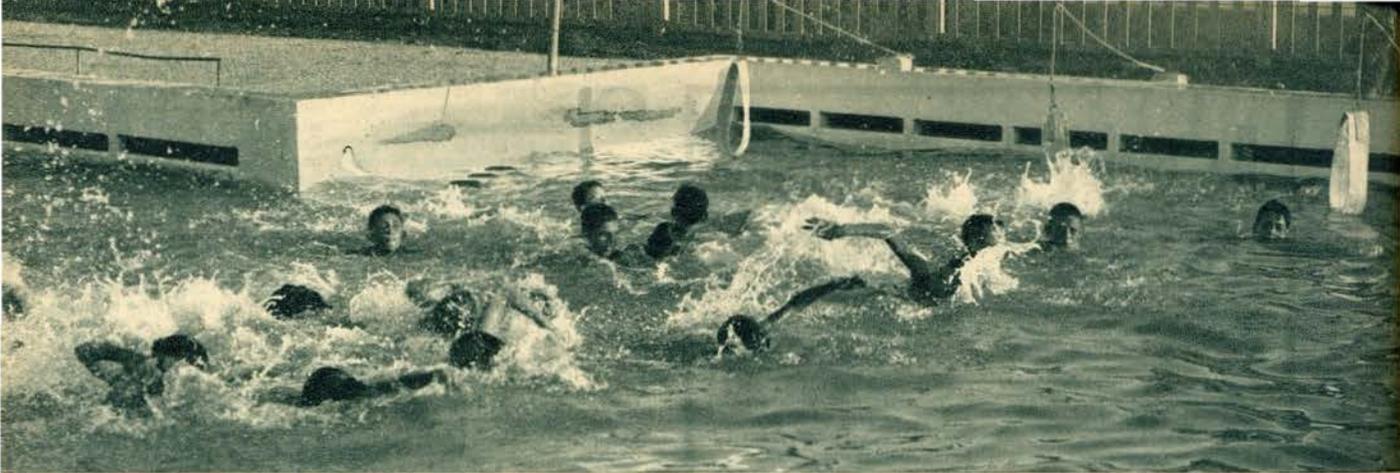
Prova bonita foi, também, a do tenente Joaquim Barreto no «Selecto», por muito tempo dado como favorito e, não lhe faltavam qualidades para isso.

O Concurso finalizou com mais prove curioso — a de «Parehas Mistas» — que reuniu sete inscrições e terminou com a vitória de D. Solveig Wiborg e aspirante Antunes Pala, montando respectivamente «Jsmoico» e «Bonito».

A parella formada por «Faneça» e «Rama» conduzidos por D. Fernando Leote e capitão Joaquim Leote, foi a 2.ª classificada.

Assim terminou, com uma nota de elegância, o Concurso Hípico de Sintra, organizado pela Comissão Municipal de Turismo com a colaboração de S. H. P.

Antas Teixeira



Um curioso aspecto das «escolas» do Sportivo de Pedrouços

COM seu nome de há muito tempo firmado nos desportos náuticos, o Clube Sportivo de Pedrouços atravessa, presentemente uma fase de franco e consolador ressurgimento. Além disso, na hora que passa, a simpática e prestante colectividade está em festa, dado que completa, no próximo sábado, vinte e nove anos de profícua e laboriosa existência. São quase três décadas de trabalho proveitoso e honesto ao serviço da bela causa dos desportos náuticos, através das quais o nome do Clube Sportivo de Pedrouços nos aparece a cada passo, sempre em posições de relêvo, numa afirmação indiscutível de intensa actividade, numa demonstração inofismável de respeito e apêgo a uma ideia, num propósito firme de se manter fiel a um ideal — o ideal que presidiu, há vinte e nove anos, à sua fundação. E esse ideal sintetiza-se facilmente: trabalhar pela nataçãõ.

Com efeito, o nome do Club Sportivo de Pedrouços está intimamente ligado à história da nataçãõ portuguesa, muitos tendo sido os nadadores famosos que realizaram proezas notáveis em representação da raça, infatigável colectividade da rua de Pedrouços. À frente de todos vem, sem favor, o nome prestigioso de Luís Alves Miguel, especialista de provas de fundo, nadador de excepcionais recursos, grande entre os grandes do seu tempo; Henrique José Maria — que o Pedrouços, há dois anos, muito justamente homenageou — especialista notável de 100 e 200 metros-livres; dr. Alberto Ferro Murinelo, admirável estilista de «brucos» e «costas»; Luis António Rosa — hoje presidente da colectividade — que se notabilizou como «sprinter» e jogador de «water-polo»; Ernesto Pancada, Mário Branco, Nuno Pancada, Maria Helena Martins, e tantos outros.

Apertado, digamos assim, entre dois centros desportivos poderosos — Belém e Algés — tem o Pedrouços encontrado o seu caminho cheio de escolhos, pleno de dificuldades de toda a ordem.

Um propósito firme de trabalho tem, no entanto, orientado sempre os seus dirigentes. Foi esse propósito que os levou, há dezassete anos, a construir um tanque de 16,66x6 metros, obra utilíssima, a que Luis Alves Miguel deu o melhor do seu esforço. Nessa pequena piscina aprenderam a nadar alguns milhares de pessoas. Nela se realizaram, também, alguns festivais nocturnos de belas recordações, numa época em que os valores eram

mais equilibrados, e em que os clubes de nomeada mantinham valiosas secções de nataçãõ.

Dezasseis anos volvidos, uma verdade se tornou evidente: o pequeno tanque era insuficiente para as necessidades do club. E um sonho nasceu. Um sonho que, nestas colunas, revelamos em primeira mão: a construcção de uma piscina de dimensões regulamentares. A empresa era ousada, para colectividade de tão parcos recursos. Mas a tenacidade e o desejo de bem servir podem muito. E o Pedrouços teve a felicidade de, no momento oportuno, encontrar um presidente à altura da sua missão. De facto, Luis António Rosa não tergiversou um só momento. Foi deliberadamente, ousadamente, vencendo dificuldades sem conta, para a empresa. E a piscina surgiu, bonita, nos seus 25 metros de comprimento. Isto passou-se há um ano. De então para cá, o Pedrouços tem visto, com prazer, o progressivo desenvolvimento da sua secção de nataçãõ, mormente no que respeita à frequência às escolas. Os seus nadadores têm comparecido com mais assiduidade e em mais elevado número às provas de competiçãõ. O Pedrouços procura, assim, manter os seus créditos — e uma tradiçãõ que se prolongará pelos tempos fora.

A obra de renovaçãõ das instalações do Club Sportivo de Pedrouços não se circunscreveu, porém, à piscina. Na recente visita que fizemos ao seu parque desportivo, pudemos admirar, tam-

A bela actividade do Clube Sportivo de Pedrouços

29 ANOS AO SERVIÇO DO DESPORTO



É neste local que, depois de demolidos os velhos balneários, será construído um «rink» de patinagem

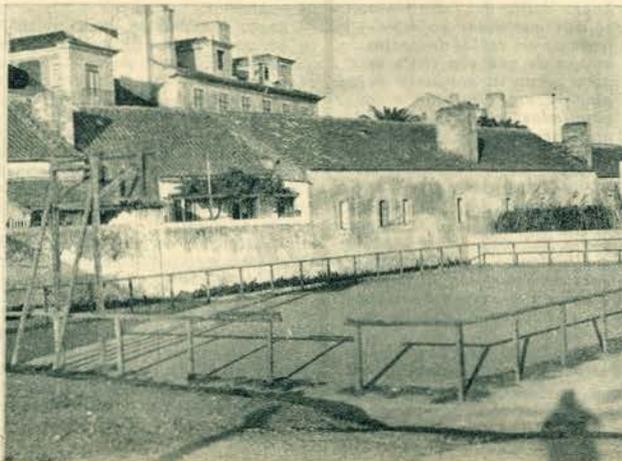
bém, o seu novo campo de basquetebol, bem delineado, de piso, onde tudo tem um ar lavado, que convida e encanta.

Brevemente, logo que possam ser demolidos os velhos balneários, surgirá um rink de patinagem. O Pedrouços ficará, assim, com um interessante conjunto de instalações, um verdadeiro parque desportivo, modesto, mas absolutamente à altura das necessidades do club. E tudo isso agradavelmente integrado num garrido conjunto, limpo, florido, convidativo.

O basquetebol — eis outra modalidade a que o Club Sportivo

de Pedrouços tem dado belo e valioso contributo. Foram seus jogadores feitos nas suas escolas, Câmara e Sousa, Afonso e José Domingues, Ceia e tantos outros que mais tarde atingiram posiçãõ de relêvo no popular desporto da bola ao cesto. Presentemente, o Pedrouços está empenhado em retomar, no basquetebol, a posiçãõ que já conheceu. E nesse trabalho de recuperaçãõ têm sido verdadeiramente incansáveis os directores da respectiva secção — Adriano Santos e António Rodrigues — bem como o competente treinador José Domingues. Encontra-se mesmo em pleno funcionamento uma escola de basquetebol proficientemente dirigida por José Domingues e Carlos Patrocínio.

O Pedrouços mantém, ainda, uma secção de vela, que dispõe de magnífica frota, e traz em estudo a criaçãõ de uma secção de voleibol.



O novo campo de basquetebol do Clube Sportivo de Pedrouços, inaugurado a época passada, apresenta bom aspecto e magnífico piso

Está em festa, como acima dizemos, o Club Sportivo de Pedrouços, que no próximo sábado completa vinte e nove anos de laboriosa e prestante actividade, pois que foi fundado no dia 14 de Agosto de 1919. Através deste espaço de tempo, a obra do Pedrouços fala por si. É a essa obra, que lhe mereceu muito justamente a comenda de Oficial de Ordem Militar de Cristo e a designaçãõ de Instituiçãõ de Utilidade Pública, que Stadium, mui gostosamente, presta sincera homenagem.

ABREU TORRES

A radiodifusão, processo mágico que transmite de longe a palavra e a música, está ocupando um lugar cada vez maior no sector das actividades desportivas.

Os acontecimentos deixaram de existir sujeitos ao rigor das distâncias geográficas ou ao despotismo do tempo; os próprios sentidos humanos tornaram-se mais latos, mais livres, porque as ondas hertzianas, convenientemente exploradas pelo engenho da inteligência, transformaram as circunstâncias habituais rasgando horizontes novos.

Todavia, ainda há bem poucos anos, o progresso da telegrafia sem fios era lento e hesitante. Ninguém podia supor, com boa fé, o grau extraordinário das possibilidades incriáveis do novo invento, exceptuando, é claro, um grupo reduzidíssimo de fanáticos e de técnicos, encobertos pelo anonimato.

* *

Assim como o cinema precisou do desporto para a propaganda da sua causa junto das massas populares — o primeiro filme comercial do inventor Tomaz A. Edison, foi o combate de boxe realizado em Carson-City, a 17 de Março de 1897, entre Jim Corbett e Bob Fitzsimmons — a radiodifusão buscou o mesmo apoio para seu reclame.

Esta circunstância, desconhecida do público, merece ser relatada em pormenor, tanto mais que a figura decisiva do argumento ocupou o cargo mais elevado da magistratura dos Estados-Unidos.

No principio do verão de 1921, todo o Mundo discutia apaixonadamente se o campeão da Europa de Boxe, Georges Carpentier — figura de herói, aviador, atleta, dandy, artista dentro e fóra do rectângulo, etc — conseguiria abater o Mata-Gigantes, chamado Jack Dempsey.

Os jornais enchiam páginas sucessivas com os textos das entrevistas, opiniões de críticos, e com as previsões do que iria suceder na tarde de 2 de Julho, nos baldios de Boyle's Thirty Acres, cerca de Jersey-City. Uma coisa faltava para dinamizar a efervescência: a radiodifusão.

A causa era simples: não se descobria ainda o processo de irradiar a palavra sem a ajuda dos pontos e traços da telegrafia Morse.

Dois entusiastas, David Sarnoff, que hoje é director da Rádio Corporation of America e um pioneiro das primeiras horas, J. Andrew White, estavam associados em espírito, desde 1916, para popularizar a telefonia sem fios.

Sarnoff trabalhava na Companhia Marconi e escrevera um memorial acerca do futuro T. S. F., antevendo o fabrico de receptores económicos e práticos pela facilidade de manejo, capazes de existir em todos os lares, transmitindo notícias, música, conferências e a própria reportagem de acontecimentos palpitantes.

Durante cinco anos os dois entusiastas trabalharam com afinco e associaram-se com mais alguns fanáticos, fundando a National Amateur Wireless Association.

Tex Rickard disse: Sim!

Tudo corria magnificamente mas o novo organismo necessitava de fundos, do concurso popular e, sobretudo, de propaganda inteligente e rápida.

Estudadas as possibilidades, concordaram que o combate de boxe entre Dempsey e Carpentier era um acontecimento ideal para pôr em evidência os benefícios e a importância da

radiodifusão. O calendário marcava os primeiros dias de abril de 1921 e o prazo era curto, excessivamente curto, para uma empresa tão arriscada e cheia de dificuldades.

Mas Sarnoff e White puseram tudo de lado e resolveram irradiar a descrição do *match*. O primeiro, obteve um empréstimo de 1 500 dólares e ocupou-se do fabrico do aparelho transmissor; o segundo, chamou a si os detalhes da organização do acontecimento.

A primeira pessoa visitada foi o empresário: Tex Rickard. A principio recusou a proposta, mas White era persistente e levou-o a aceder depois de muitas hesitações.

Vencida esta dificuldade, importantíssima, ainda ficaram de pôr outras de igual categoria: obter um transmissor adequado e persuadir os 250 membros da National A. Wireless a emprestarem os seus aparelhos de recepção — todos fabricados pelos seus proprietários — a várias casas de espectáculo, disseminadas pelo interior do continente americano.

Depois de aborçados, os donos dos aparelhos concordaram em auxiliar a tentativa. White pôs-se, então, em campo e percorreu as principais cidades da América firmando contratos com as empresas teatrais e cinematográficas para a retransmissão pública do desafio de boxe.

O aparelho transmissor ideal

Faltava, aparentemente pelo menos, descobrir o aparelho emissor, capaz de irradiar a palavra em boas condições auditivas e cujo alcance servisse para satisfazer as exigências do problema.

Efectuadas pesquisas, Sarnoff soube que a General Electric fabricara um aparelho especial — secreto — a pedido da Armada Americana e que nos últimos dias de Julho, em Schenectady, seria posto oficialmente à prova.

White, sem delongas, procura convencer os directores da General Electric a emprestarem-no por 3 semanas e explicou o seu plano, demonstrando o benefício seguro da propagação se tudo corresse normalmente.

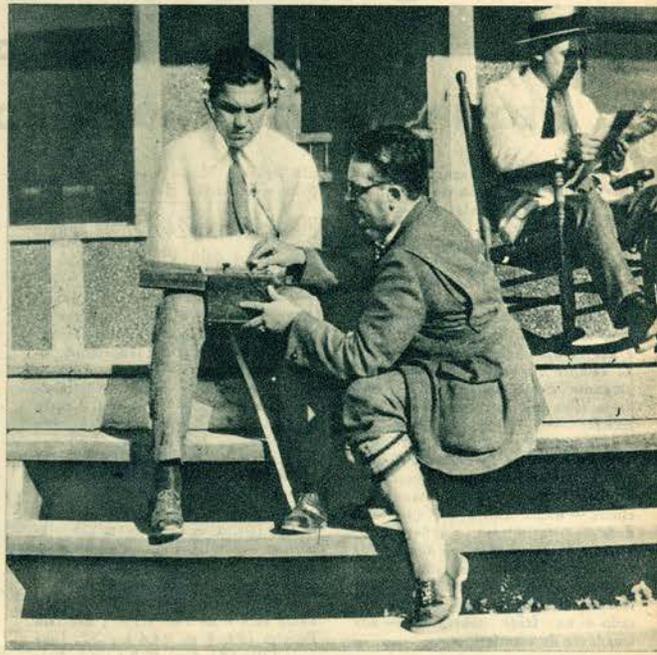
Os directores hesitaram durante muitos dias. O risco era enorme, se o Ministério da Marinha tivesse conhecimento do acto, mas o prazer do risco e um pouco de paixão pela aventura — quem sabe? — decidiram o caso em benefício de Sarnoff e de White.

Faltava, agora, anunciar pela imprensa mundial o projecto magnifico que os dois amigos tinham engeñado e conseguido organizar com tanta dificuldade. Por mais extraordinário que isto pareça os jornais não publicaram uma linha; consideravam o caso como excesso de imaginativa sem possibilidades de êxito!

Impossível, diziam os técnicos

Todos os esforços promovidos por White encontraram a mesma muralha de ceticismo. Os técnicos de T. S. F. sorriam com indulgência, ante o sonho de dois amadores visionários.

A imprensa passou a mencionar a tentativa, mas sublinhou o seu fracasso rotundo, pelo que a propaganda foi negativa. A associação dos empresários teatrais acabou por impôr a rescisão dos contratos lavrados e o edificio já montado ameaçava ruir estrodonadamente se — em última instância — o judeu Marcus Leowy, proprietários de muitos cinemas, não visse oportunidade de contrariar os colegas em seu benefício próprio.



Esta fotografia é um documento histórico de bastante interesse. Sentado nos degraus da residência de treino do campeão Jack Dempsey, o pioneiro da T. S. F., Andrew White, ensina o futuro vencedor de Carpentier a manobrar os botões de comando de um receptor portátil, enquanto que Jack Kearns, manager do Mata Gigantes, lê displicentemente o jornal, sentado confortavelmente numa cadeira de balanço.

Esta manobra salvo o empreendimento mas o pior estava ainda por suceder.

«Frank» salva a situação

Tex Richard, o empresário, não via com bons olhos o projecto da retransmissão telegráfica do desafio e arrependera-se de ter dado consentimento. Fiel à palavra, porém, queria achar um motivo sério e plausível para anular a concessão.

Quando White foi ao escritório de Tex, acudindo ao chamamento deste último, ignorava a gravidade da prova a que iam submetê-lo.

Richard pôs em foco as suas dúvidas acerca do êxito da empresa e citou a opinião dos técnicos do País, mas White, empregando uma dialéctica irresistível argumentou:

— Tudo sucederá o melhor possível. O meu aparelho é único em toda a América e não tem rival!

— Ótimo, retorquiu o empresário. Quero, todavia, que «Frank» converse consigo. É um amigo que conhece o assunto profundamente...

E foi assim que White travou relações com «Frank», o amigo de Tex Richard. O diálogo entabulado por ambos merece referência:

White explicou todos os pormenores técnicos do aparelho secreto mas não revelou o segredo do seu destino, para a Armada Americana. Ao concluir a descrição, «Frank» mostrou-se sobressaltado e disse-lhe:

— Só existe um transmissor desse género, em todo o País, e esse pertence à Marinha!...

— Bem sei, retorquiu White. Trata-se do aparelho que eu tenho em meu poder!

— Nesse caso, acrescentou «Frank», faça votos que a Armada nunca tenha conhecimento de tal facto!

Com um aperto de mão, os dois homens separaram-se e Tex acabou por autorizar que se levasse a cabo a experiência...

No dia 1 de Julho, White e Sarnoff realizaram a última prova, com todo o êxito. Vinte e quatro horas depois, a policia era chamada à pressa para conter o público, que se aglomerara junto dos alto-falantes e ouvia o relato do desafio, descrito à beira do ringue.

Foi um triunfo magistral, pondo em foco as possibilidades enormes da radiodifusão e o «test» a que se sujeitou não podia ser melhor nem mais proveitoso.

Rickard e J. Andrew White, naquela noite, festejaram o acontecimento. O empresário, a cair de fadiga, teve o seguinte desabafo:

— Se não fosse «Frank», você não teria levado a sua ideia por diante. Ele disse-me que sympathizara consigo e pediu-me que accedesse...

— Eu percebi isso perfeitamente, replicou White, e queria deixar-lhe um cartão de agradecimento. É capaz de me informar o nome dele por extenso!

— Chama-se Franklin Delano Roosevelt, e é Sub-Secretário da Marinha, junto da Presidência, em Washington.

* *

Aqui está como o futuro Presidente dos Estados Unidos influíu decisivamente num acontecimento de carácter científico e desportivo, revelando uma dose de inteligência e bom senso muito pouco compatíveis com as responsabilidades burocráticas do alto cargo que desempenhava.

PORTUGAL-ESPAÑA

DEFrontam-SE PELA SEXTA VEZ

A EQUIPA NACIONAL PARTE HOJE PARA PALMA DE MAIORCA

PORTUGAL e Espanha vão encontrar-se, pela sexta vez, em natação e «water-polo». Trata-se de um prêmio que sempre consideramos indispensável ao progresso da natação peninsular, mormente da portuguesa, tão necessitada de contacto com equipas categorizadas. Além disso, o encontro, para nós, tem ainda uma particularidade: é um encontro que nunca ganhamos. E, sempre que outro se avizinha, a pergunta surge naturalmente: será desta feita que venceremos a Espanha?

Não vamos, por agora, procurar responder a essa inerente e justificada interrogação, pois não queremos de modo algum que os nossos vaticínios — numa altura em que tudo deve ser optimismo e convicção — possam influir no ânimo dos nossos representantes. Vamos, sim, passar em revista os cinco encontros anteriores, num artigo que parece dedicado — na frase consagrada — aos amadores de estatísticas...

I — Lisboa, 7 e 8 de Agosto de 1926

Nesse tempo — há vinte e dois anos — ainda não havia piscinas em Lisboa. A do Estoril não tinha dimensões regulamentares. E nestas condições, o primeiro encontro entre as duas nações peninsulares desenrolou-se na doca de Belém, em pistas de cem metros.

O programa consistiu exclusivamente de provas de estilo livre, nas quais os espanhóis dominaram totalmente. Arquivemos, entretanto, os resultados técnicos dessa jornada histórica da natação lusitana:

100 metros-livres — 1.º, Salvador Parés (E), 1 m. 08 s. 2/5; 2.º, Manuel Cardoso (P), 1 m. 13 s.; 3.º, Canto Moniz (P), 1 m. 18 s. 6/10; 4.º, Hermanno Patroni (P); 5.º, Mário Formosinho (P).

400 metros-livres — 1.º, Ricardo Brull (E), 6 m. 23 s. 2/5; 2.º, Domingos Callisto (P), 6 m. 30 s. 4/5; 3.º, Faustino José Santana (P), 6 m. 34 s. 4/5; 4.º, Alfredo da Conceição (P), 6 m. 46 s.

1.500 metros-livres — 1.º, Ramon Artigas (E), 25 m. 22 s.; 2.º, Tobias de Iemos (P), 25 m. 49 s. 2/5; 3.º, Delfim Cunha (P), 27 m. 16 s.

4x200 metros-livres — 1.ª, Equipa da Espanha (Cruells, Puig, Gonzalez e Parés), 11 m. 59 s. 2/10; 2.ª, Equipa de Portugal (Patroni, Delfim, Bertier do Carmo e Manuel Cardoso), 12 m. 36 s. 2/10; 3.ª, Equipa B de Portugal (Canto Moniz, Alvaro Sequeira, A. Branco e Faustino José), 12 m. 50 s. 4/10.

No encontro de «water-polo», a vitória também pertenceu aos nossos vizinhos, por 2-1. Recordemos as equipas:

Espanha: A. Trigo; Barre e Puig; Cruells; Mariano, Brull e Gonzalez.
Portugal: Coelho da Costa; dr. Oliveira Duarte e Leote; Antó-

nio Soares; Mário Garcia, António Silva e Sebastião Herédia.

II — Barcelona, 24 e 25 de Agosto de 1945

E durante dezasseis anos as seleções dos dois países peninsulares não voltaram a defrontar-se! Após várias tentativas, só em 1945 foi possível retomar o passo... O segundo encontro realizou-se nos dias 24 e 25 de Agosto de 1945, em Barcelona, na piscina municipal de Montjuich, de 50 metros de comprimento.

Foram os seguintes os resultados técnicos:

100 metros-livres — 1.º, Mário Simas (P), 1 m. 3,5 s.; 2.º, Segismundo Pera (E), 1 m. 5,4 s.; 3.º, Isidoro Ferry (E), 1 m. 5,8 s.; 4.º, Guilherme Patroni (P), 1 m. 7,6 s.

400 metros-livres — 1.º, Isidoro Ferry (E), 5 m. 20,8 s.; 2.º, Baptista Pereira (P), 5 m. 24,4 s.; 3.º, José Luís Ollo (E), 5 m. 40,8 s.; 4.º, Belmiro Santos (P), 5 m. 55,8 s.

1.500 metros-livres — 1.º, Manolo Martinez (E), 22 m. 27,9 s.; 2.º, José Luís Ollo (E), 22 m. 30,2 s.; 3.º, Belmiro Santos (P), 23 m. 23,6 s.; 4.º, Baptista Pereira desistiu aos 750 metros.

100 metros-costas — 1.º, Mário Simas (P), 1 m. 14,3 s.; 2.º, Manolo Martinez (E), 1 m. 18, s.; 3.º, Carlos Piernaveja (E), 1 m. 20, s.; 4.º, Artur Mendes Silva (P), 1 m. 22 s.

200 metros-bruços — 1.º, Artur Mendes Silva (P), 3 m. 3,2 s.; 2.º, Enrique Mordt (E), 3 m. 8,2 s.; 3.º, João da Silva Marques (P), 3 m. 8,3 s.; 4.º, Rafael Quadrillero (E), 3 m. 9 s.

4x200 metros-livres — 1.ª, Equipa da Espanha (Martinez, Labax, Senra e Ferry), 10 m. 10 s.; 2.ª, Equipa de Portugal (Jeremias Simão, Lopes da Conceição, Baptista Pereira e Mário Simas), 10 m. 13,6 s.

No jogo de «water-polo» sofremos a maior derrota de sempre: 8-0.

Os grupos foram os seguintes:
Espanha: Cruells; Gamper e Borrás; Brull, Sabata, Gimenez e Castilho.

Portugal: Rosa; Sacadura e Alves; Moltinho, José Manuel, Oscar e Bessone Basto Júnior.

Pontuação final: Espanha, 49 — Portugal, 37.

III — Lisboa, 15 e 17 de Setembro de 1945

Quinte dias depois, portugueses e espanhóis voltavam a defrontar-se, agora no estádio náutico do Sport Algés e Dafundo, em pistas de 33 metros. Apesar de entre os dois encontros ter mediado tão curto espaço de tempo, nadadores e jogadores lusitanos acusaram melhoria sensível. Nas corridas, a pontuação foi mais equilibrada: Espanha, 47 — Portugal, 40. E no encontro de

«water-polo» os espanhóis não foram além de uma vitória por 2-1.

Vejam, entretanto, a linguagem eloquente dos números:

100 metros-livres — 1.º, Mário Simas (P), 1 m. 1,8 s.; 2.º, Isidoro Ferry (E), 1 m. 3,9 s.; 3.º, Segismundo Pera (E), 1 m. 5,6 s.; 4.º, Jeremias Simão (P), 1 m. 6 s.

400 metros-livres — 1.º, Isidoro Ferry (E), 5 m. 14 s.; 2.º, Baptista Pereira (P), 5 m. 21 s.; 3.º, C. Massien (E), 5 m. 36,1 s.; 4.º, João Mira Gomes (P), 5 m. 40,7 s.

1.500 metros-livres — 1.º, Manolo Martinez (E), 21 m. 21,5 s.; 2.º, Baptista Pereira (P), 21 m. 36,5 s.; 3.º, J. L. Ollo (E), 22 m. 25 s.; 4.º, Belmiro Santos (P), 22 m. 32,8 s.

100 metros-costas — 1.º, Mário Simas (P), 1 m. 10 s.; 2.º, A. Wellier (E), 1 m. 13 s.; 3.º, Artur Mendes Silva (P), 1 m. 18,5 s.; 4.º, Carlos Piernaveja (E), 1 m. 18,6 s.

200 metros-bruços — 1.º, Enrique Morat (E), 3 m. 2,9 s.; 2.º, J. Guerra (E), 3 m. 5,4 s.; 3.º, Artur Mendes Silva (P), 3 m. 6,2 s.; 4.º, João da Silva Marques (P), 3 m. 6,4 s.

4x200 metros-livres — 1.ª, Equipa de Portugal (Jeremias Simão, Luís Conceição, Baptista Pereira e Mário Simas), 9 m. 54,5 s.; 2.ª, Equipa da Espanha (Martinez, Ollo, Senra e Ferry), 9 m. 55,2 s.

Para o encontro de «water-polo» — que os nossos vizinhos venceram por 2-1, como acima dissemos — os grupos eram assim constituídos:

Espanha: Cruells; Gamper e Borrás; Brull, Sabata, Gimenez e Castilho.

Portugal: Rosa; Sacadura e Alves; Moltinho, Oscar, Bessone e Correia.

IV — Tenerife, 6 e 7 de Outubro de 1946

Para o encontro seguinte — o quarto da série — a turma lusitana foi de abalada até às Canárias. E na piscina de 33 metros, de água salgada, do Clube Náutico de Tenerife, os representantes da pátria de Cervantes averbaram nova e nítida vitória, vencendo todas as provas, à excepção dos 100 metros-livres e 100 metros-costas, ganhos brilhantemente por Mário Simas. À parte o felto individual do nosso compatriota, a superioridade global dos espanhóis foi esmagadora. Vejam como decorreu este encontro, o único até hoje em que o «water-polo» foi abolido.

100 metros-livres — 1.º, Mário Simas (P), 1 m. 7 s.; 2.º, S. Pera (E), 1 m. 1,3 s.; 3.º, A. Senra (E), 1 m. 2,8 s.; 4.º, Guilherme Patroni (P), 1 m. 3,2 s.

400 metros-livres — 1.º, I. Ferry (E), 5 m. 16,1 s.; 2.º, M. Martinez (E), 5 m. 21 s.; 3.º, Jeremias Simão (P), 5 m. 30,5 s.; 4.º, Baptista Pereira (P), 5 m. 43,2 s.

1.500 metros-livres — 1.º, Manolo Martinez (E), 21 m. 52,4 s.;

2.º, I. Ferry (E), 21 m. 54 s.; 3.º, Belmiro Santos (P), 21 m. 56,3 s.; 4.º, Baptista Pereira (P), 22 m. 42,3 s.

100 metros-costas — 1.º, Mário Simas (P), 1 m. 9,2 s.; 2.º, A. Wellier (E), 1 m. 11,4 s.; 3.º, Francisco Calamita (E), 1 m. 12,7 s.; 4.º, P. Bastos (P), 1 m. 18,4 s.

200 metros-bruços — 1.º, Manuel Guerra (E), 2 m. 56,4 s.; 2.º, A. Burillo (E), 4 m. 2,4 s.; 3.º, Silva Marques (P), 3 m. 6,8 s.; 4.º, Artur Mendes Silva (P), 3 m. 6,1 s.

4x200 metros-livres — 1.ª, equipa de Espanha (A. Séura, I. Perez, S. Pera e M. Ferry), 9 m. 40 s.; 2.ª, equipa de Portugal (J. Simão, Mário Simas, Patroni e Belmiro Santos), 9 m. 53,5 s.

Pontuação geral: Espanha, 44 — Portugal, 27.

V — Lisboa, 30 e 31 de Agosto de 1947

Pela segunda vez o magnífico Estádio náutico do Sport Algés e Dafundo serviu de teatro ao clássico encontro peninsular que proporcionou à Espanha uma vitória que teve tanto de nítida como de justa. Portugal voltou a «fazer fogos» com um nadador apenas, Mário Simas. Ao fim e ao cabo: das duas fornadas, a pontuação voltou a ser expressiva: Espanha, 41 — Portugal, 30.

E completamente a nossa estatística:
100 metros-livres — 1.º, Mário Simas (P), 1 m. 1,4 s.; 2.º, Guilherme Patroni (P), 1 m. 3,2 s.; 3.º, Isidoro Perez (E), 1 m. 3,3 s.; 4.º, A. Seuta (E), 1 m. 4,4 s.

400 metros-livres — 1.º, Isidoro Ferry (E), 5 m. 18 s.; 2.º, Segismundo Esteva (E), 5 m. 26,3 s.; 3.º, José da Silva (P), 5 m. 47,4 s.; 4.º, Belmiro Santos (P), 5 m. 57 s.

1.500 metros-livres — 1.º, Manolo Martinez (E), 21 m. 52,4 s.; 2.º, S. Esteva (E), 22 m. 11,8 s.; 3.º, José da Silva (P), 22 m. 41,8 s.; 4.º, Belmiro Santos (P), 24 m. 30,2 s.

100 metros-costas — 1.º, Mário Simas (P), 1 m. 9,7 s.; 2.º, F. Calamita (E), 1 m. 12,8 s.; 3.º, A. Wellier (E), 1 m. 13,1 s.; 4.º, João Franco do Vale (P), 1 m. 15 s.

200 metros-bruços — 1.º, Manuel Guerra (E), 2 m. 53,5 s.; 2.º, Artur Mendes Silva (P), 3 m. 3,2 s.; 3.º, F. Andrew (E), 3 m. 4,4 s.; 4.º, João da Silva Marques (P), 3 m. 5,3 s.

4x200 metros-livres — 1.ª, Equipa de Espanha (Perez, Senra, Martinez e Ferry), 9 m. 48,6 s.; 2.ª, Equipa de Portugal (Lopes da Conceição, Patroni, Vasco Abreu e Mário Simas), 10 m. 18,6 s.

No encontro de «water-polo» a turma lusitana portou-se briosamente, perdendo pela diferença mínima: 5-4.

Os grupos:
Espanha: Cruells; Mordt e Pujol; Castillo, Rovira, Mestres e Beroal.

Portugal: Rosa; Oscar e Sacadura; Moltinho, Bessone, Alves e Correia.

Números e Curiosidades (12)

DA MAIOR PROVA DO FUTEBOL PORTUGUÊS

Lusitano Futebol Clube

ASSISTIMOS ao renhido jogo que elevou o Lusitano à Divisão de Honra, disputado contra o grupo de Famalicão, e se classificou no penúltimo lugar do Campeonato Nacional 1946-47.

Rembramo-nos que o intervalo regara com as equipas empatadas, mas os vaticínios eram favoráveis aos famalicenses, não por se tivessem demonstrado superioridade, mas por serem mais perientes e possuírem aparentemente melhor preparação atlética. E contudo foram os algarvios que venceram, num prodígio de força de vontade, que logo nos deu a noção da presença de fibra nos verdadeiros desportistas, dignos de figurarem entre os «ases». Tinha não podíamos supor que o comportamento do «conze» de Vila Real, na Divisão Maior viria a ser tão brilhante como o foi na realidade, durante grande parte da competição. O Lusitano classificou-se no ante-penúltimo lugar na classificação definitiva, mas nunca chegou a ter preocupações relativas à zona perigosa da despromoção, porque se manteve mais ou menos sempre entre os primeiros da tabela. Durante algum tempo manteve-se à cabeça das equipas classificadas na segunda metade da prova, dando sempre a luta, especialmente na sua primeira.

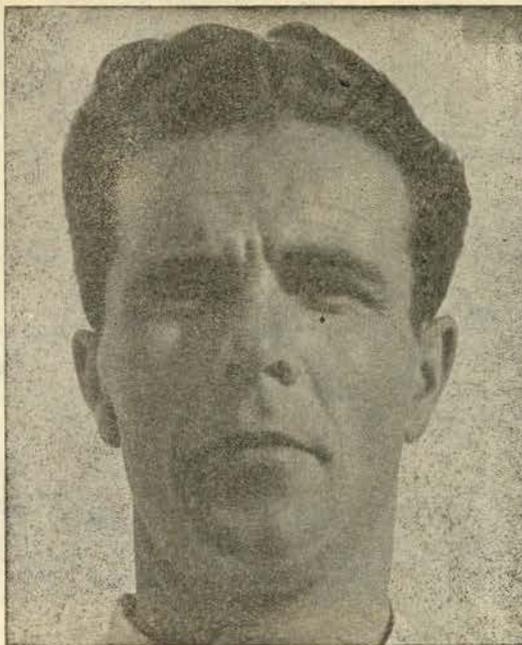
Até à 21.ª jornada, uma única equipagem se podia vangloriar de ter vencido o Lusitano no Algarve — o Benfica. Mas nos cinco jogos seguintes os últimos do grande torneio — os «encarnados» algarvios só conheceram o trazo da derrota, primeiro com o F. C. Porto, depois contra o Vitória viarenense, ambos em Vila Real, e depois quando da visita à Espadilha, e por último contra os campeões nacionais. Viera, então, ao de cima, reflexos da melhor «endurance» de estreantes, as os rapazes do Lusitano já tinham mostrado desassombreadamente quanto valem, na realidade.

val de Olhão — a repetição do que sucedera no campo desta!

O primeiro triunfo do neófito da Divisão Maior foi alcançado sobre o «team» do Boavista, por 2-0, na 3.ª jornada. Nessa altura, o Lusitano desfrutou duma posição invejável — nada menos que um múltiplo empate para o 4.º lugar da tabela, em que figuravam também equipas como o Benfica e (Estoril Praia). No domingo seguinte registou-se o empate a uma bola entre os dois representantes do Algarve, ficando ambos nos 6.º e 8.º lugares, na companhia do Boavista.

Na 5.ª jornada, o Lusitano conseguiu a sua mais destacada classificação da prova — o 6.º lugar, isolado, a um ponto do Benfica e do Estoril, a dois do Belenense e do F. C. Porto, e a quatro do «leader» — O Sporting C. P. A subida deveu-se à vitória sobre o outro estreante do Campeonato — o Sporting de Braga. Na 6.ª jornada, o Lusitano perdeu normalmente nas Salésias, sendo «apanhado» pelo Atlético. Seguidamente, o Lusitano sofreu duas derrotas consecutivas — uma contra o Benfica e outra em Coimbra — o que entrou, um tanto, a embalgam do novo representante do Algarve, no torneio dos «Grandes».

Até ao fim da 1.ª volta, o Lusitano manteve uma toada regular, obtendo mais duas vitórias pela tangente, contra o Vitória de Setúbal e Atlético, ficando entre um grupo de quatro clubes empatados para o 8.º posto da tabela. Nos cinco primeiros jogos da 2.ª volta, o Lusitano alcançou uma única vitória, contra os campeões alentejanos. Na 18.ª tirada, sofreram uma dura punição em Braga, por 7-1 — para se desforrarem no domingo seguinte com a mais importante de todas as vitórias obtidas. Os «Belenenses», campeões da época de 1945-46 fo-



João Viegas Calvino, excelente avançado do Lusitano

ram vencidos pelos «encarnados» de Vila Real de Santo António, ficando praticamente fora da carreira para o título, e dando azo a que o Lusitano se distanciasse ainda mais da «zona» de despromoção.

Na 20.ª jornada, a turma de Isaurindo disputou na Tspadilha o jogo com o Benfica, por estar interdito o Campo Grande, vencendo a equipa lisboeta por 6-1. No domingo seguinte, em Vila Real, o Lusitano obteve a sua vitória mais folgada da prova, batendo os estudantes por 5-1. Era o canto do cisne... Daí até ao fim derradeiro, o Lusitano foi acumulando derrotas sucessivas, quedando-se com os 17 pontos obtidos até à 21.ª jornada. Por isso, o Vitória de Setúbal e o Olhanense lhe passaram à frente, descendo o Lusitano do 10.º lugar que ocupava, isolado, para

o 12.º — a um ponto da equipa a quem veio a competir o terrível jogo de passagem!...

Números e curiosidades

O Lusitano Futebol Clube possui elementos de grande valia. Os dois guarda-redes, Isaurindo e Balbino, são muito bons; na defesa e meia-defesa, Mortágua, Caldeira e Madeira. E o extremo-direito Almeida, que despertou as atenções dos seleccionadores, bem como Calvino.

O defesa esquerdo Mortágua foi o único que jogou todos os desafios do Lusitano, mas a Madeira e Almeida apenas falharam um jogo. Caldeira disputou 24. Branquinho, Germano e o avançado-centro Angelino, 22. O defesa David, 18. Isaurindo e Vasques,

(Continua na página 15)

A carreira do Lusitano no Campeonato Nacional de 1948

O empate imposto ao Estoril Praia, logo na 1.ª jornada foi o primeiro aviso de quanto representava o obstáculo de Vila Real de Santo António. Perdendo a seguir em Elvas por sete bolas a zero, deu-nos também o indicio da fragilidade da equipa a jogar fora do seu ambiente. Estes dois factos confirmaram-se com o decorrer da prova. O Lusitano foi acumulando derrotas sucessivas nos jogos fora de «casa», mas ante do seu público manteve-se durante 4/5 da prova com uma única derrota! O pior resultado obtido nesse período foi um empate... contra o seu valoroso ri-

A equipa do Lusitano que teve ótimo comportamento no campeonato nacional





Esta fotografia parece tirar todas as dúvidas: Paquete (do Benfica), com 10,9 segundos, bate Nuncio (do Porto)



João Silva (do Benfica) corta a meta em 1.º lugar na corrida dos 10.000 metros, chegando destacado

Um aspecto da corrida de 1500 metros. Francisco Bastos (do Sporting), vencedor, com 4 minutos 14,6 segundos, segue à frente e conduz sempre a prova



Um trecho da corrida de 10.000 metros, seguindo o atleta João Silva entre dois sportinguistas...

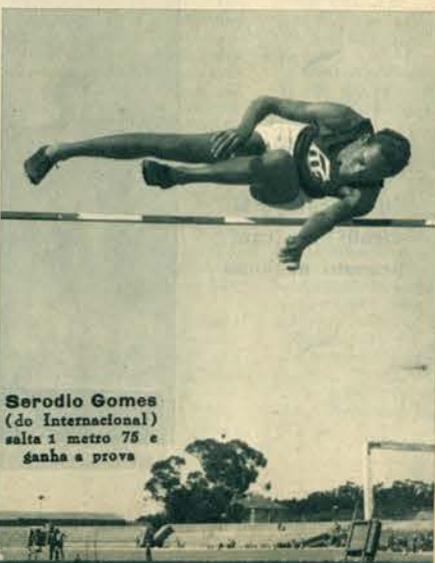


Serodio Gomes (do Internacional) salta 1 metro 75 e ganha a prova

ATLETISMO



A corrida de 400 metros foi ganha por um atleta jovem, de muita habilidade, Natal dos Anjos (do Benfica) que vem a cortar a meta em 1.º lugar



Montalvão (do Vigorosa) bate o recorde do Norte, com 3 metros 57, e falha por pouco a tentativa do recorde nacional

Os Campeonatos Nacionais não tiveram grande brilho

As duas jornadas dos campeonatos nacionais, que a Federação deixara, por má elaboração do calendário, para depois dos Jogos Olímpicos, não corresponderam ao valor real do atletismo português.

Faltaram muitas figuras do primeiro plano — os atletas portugueses do Académico, Matos Fernandes, Nuno Moraes, Domingos Canhão, etc. — e isso afectou forçadamente a categoria dos resultados; houve luta renhida na maioria das competições e, pela ausência de tantos «azes», os segundos planos tiveram magnífica oportunidade para brilhar, mas em boa verdade estes Nacionais não abrangeram a força nacional do nosso atletismo.

No entanto, as marcas dos vencedores figuram bem, na generalidade, no quadro global da temporada; exceptuando os 200 m., cujo vencedor obteve fraco resultado, os lançamentos do peso, do disco e do dardo e o salto em comprimento, cujos campeões já este ano conseguiram maiores distâncias, todas as restantes ficaram entre as melhores.

Bateu-se o recorde nacional dos 110 m. barreiras e os vencedores dos 5000 m., dos saltos em altura e à vara, do lançamento do martelo obtiveram as melhores marcas do ano; as dos 1500 m. e dos 400 m. barreiras só uma vez foram superados e as dos 100, 800 e 1000 m., e do triplo salto ocuparam o terceiro lugar. Com estes elementos pode afirmar-se que, presentes todos os bons valores que se abstiveram de concorrer, estes campeonatos teriam sido dos melhores entre os melhores.

O Sporting e o Benfica arcaram, uma vez mais, com a responsabilidade quase integral do êxito do torneio; em 19 provas disputadas, escaparam-lhe por junto, dois títulos (a dos saltos em altura que foi para o Internacional, e à vara para o Vigorosa) 3 segundos lugares (800 m., 110 m. barreiras e 100 m.), 2 terceiros lugares (altura e disco), 3 quartos e 1 quinto.

Ao cabo de dois dias de luta renhida e de momentos de incerteza, o Sporting conquistou o triunfo colectivo com 7 pontos apenas de vantagem, os que obteve sobre o animoso rival na última prova do campeonato, o lançamento do martelo. Os títulos, além dos acima já indicados, foram 10 para o Sporting e 7 para o Benfica.

A organização, seguindo o agradável ritmo das que a precederam, foi francamente boa, o melhor possível para as nossas condições de trabalho.

Passemos em revista as várias provas e os seus vencedores.

Tomaz Paquete ganhou os 100 e 200 m., a primeira num tempo apreciável e que demonstra a sua perfeita regularidade, a segunda mais modestamente, como modestas são as suas possibilidades para distância tão longa.

Nos 400 m. assistiu-se à vitória de um novo muito habilidoso, Natal dos Santos; descontração perfeita, excelente ritmo mas, como é natural, pouco fundo ainda. É um futuro especialista de 400-800 m. de quem ouviremos falar.

Francisco Bastos venceu os 800 e os 1500 m., mas na primeira necessitou de se empregar a fundo para bater na reta final o belenense Joaquim Branco e na segunda, foi seguido de perto por Guedelha e Alvaro Conde. É a nova camada que sobe e à qual pouco falta para atingir a vanguarda.

Os 5000 m. foram, talvez, a melhor corrida do torneio e se a vitória de Filipe Luis é de aplaudir, as atenções convergem, porém, para o segundo classificado, Alvaro Conde, que para estreia na distância foi creditado em 15 m. 42,1 s.

João Silva ganhou muito bem os 10000 m., fugindo na última volta, como quiz, a Filipe Luis que não soube distanciar-lo, impondo andamento mais duro. Não soube ou não pôde, que é o mais provável.

Nos 110 m. barreiras, Luis Alcide baixou o recorde nacional para 15,4 s. e Durão igualou o seu melhor tempo com 15,8 s.; grande superioridade de ambos sobre os restantes competidores.

A ausência de Matos Fernandes permitiu que o título dos 400 m. barreiras fosse para um novo, Manuel Coelho, em 59,7 s., o que pode chamar-se estreia auspiciosa.

Nos concursos não houve surpresas; Serodio Gomes ganhou o salto em altura com modesto 1,75 m., Alvaro Dias e Luis Alcide foram eles-próprios nas suas especialidades e Montalvão conseguiu, com 3,57, a sua melhor marca de sempre.

Manuel da Silva alcançou os três títulos, peso, disco e martelo, só no último ultrapassou o seu recorde da época. No lançamento do dardo a vitória pertenceu a outro novo, Muralha, que ficou no entanto desta vez aquém dos cinquenta metros.

Luis Alcide (do Benfica), vence a prova do triplo salto, com 14 metros 53



CARTA DO BRASIL

O Vasco da Gama

DO RIO DE JANEIRO

CONTINUA A IMPOR-SE AOS ADVERSÁRIOS NO CAMPEONATO CARIOCA

(Especial para «Stadium», do nosso Redactor Candeias Alvarez)

Decorreu com desusado entusiasmo e interesse mais uma rodada do Campeonato Carioca de futebol, em que o Botafogo, fazendo alarde de uma melhora sensível na sua equipa, venceu o Fluminense por 5-2, e em que os restantes favoritos venceram os seus adversários.

No jogo principal da rodada, aqui denominado de «clássico», o Vasco da Gama, enfrentou em São Januário o Flamengo. A conhecida rivalidade entre as duas equipas, ambas à frente da tabela, foi o factor que mais concorreu para que ao Estádio vascoino acoressem cerca de 30 mil pessoas que deixaram na bilheteira a bonita soma de 371.450,00 cruzeiros, batendo desta forma o record de todas as receltas apuradas no Campeonato.

A partida, que decorreu movimentadíssima, e por de muita combalividade e boa técnica proporcionou lances de emoção extrema (do agrado da «torcida» carioca).

A vitória dos cruzmaltinos, tem ainda maior mérito pela desventagem a que se viram sujeitos, motivada pela lesão de Friaço, logo nos primeiros momentos e que reduziu a sua equipa a 10 homens e a 4 a sua linha atacante.

Depois d'esse acidente toda a gente pensou que o Vasco incompleto, nada poderia fazer contra um Flamengo cioso pela primeira classificação, e que desde esse momento em diante tinha a única preocupação de evitar um número de bolas grande em seu desfavor. Mas sucedeu precisamente o contrário. O Vasco agigantou-se no terreno e passou a mandar a seu belo prazer, chegando a dar-nos a impressão, em diversos momentos, de que dentro do retângulo só a sua equipa existia. O Flamengo que havia começado bem, senão a reação Vascoina mas não teve forças suficientes para se anteparar às investidas dos atacantes cruzmaltinos que, mesmo queiro, deram trabalho louco à defesa rubro-negra. De entre eles devemos destacar o

actuação de Ademir, agora voltando à sua antiga forma e que conseguiu dois estupendos golos de oportunidade e técnica. Os restantes companheiros afinaram pelo mesmo diapasão, tornando-se merecedores da ovação com que foram brindados pela torcida no final do encontro.

No Jockey Club disputou-se mais um Grande Prémio Brasil no distância de 3 000 metros e com a dotação de 1 milhão de cruzeiros ao vencedor. A esta prova que concorreram os melhores puros sangues da América do Sul, estavam presentes os famosos Helleco e Garbosa Bruleur, os melhores «cracks» da nova geração de puros sangues criados no Brasil. Foi verdadeiramente uma tarde de gala para o Turf brasileiro e para o Jockey que encheu as suas dependências por completo, sendo somente de lamentar que o meu tempo dos dias anteriores tivesse prejudicado a parte técnica pelo estado bastante pesado das relas onde as provas foram disputadas.

Helleco, o famoso crack, pertencente ao Sr. Eduardo Paulo Machado sagrou-se pela segunda vez consecutiva o vencedor do Grande Prémio do Brasil, acompanhado da parto por «Apuvo» e «Bambino».

Chegarem ao Aeroporto Santos Dumont vindo de Lisboa pelo avião da K. L. M., os Srs. Carlos Alberto Pereira de Rosa, director de «O Século» e Gustavo de Melos Sequeira, que vieram ao Rio e convilte do C. R. Vasco da Gama tomar parte nas festas do seu 5.º aniversário. Ao Aeroporto ecorrem diversas altas individualidades do desporto brasileiro que ali foram apresentar os cumprimentos de boas vindas.

Candeias Alvarez

Industrial do Socorro

Rua José António Serrano, 26-28 — LISBOA

TELEFONE 31295

Executa emblemas de todos os clubes, quer para lapela, quer para automóvel

Chapas "P" com escudos nacionais, medalhas, bronzes, etc.

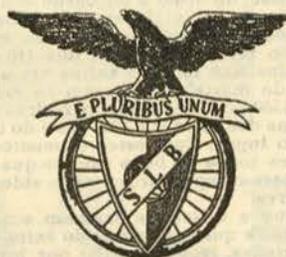
Secções de:

Cromagem

Douragem

Niquelagem

Prateagem



Orçamentos grátis

ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

Reparações / Acessórios / Recolhas

Garagem Atlantic

DE

FILIFE, CRISPIM & RODRIGO, LIMITADA

Rua de Tomar, 11 — LEIRIA — Telefone 33

LEÃO DE OURO

ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE

— BAR —

CERVEJARIA — MARISCOS

Rua 1.º de Dezembro, 89 a 99 — Telefone 2 6195 — LISBOA



FERNANDO MOREIRA
DO F. C. DO PORTO

VENCEDOR DA XIII VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

BOXE

Zale e Cerdan

A Comissão de Boxe do Estado de Nova York opôs-se à realização de dois espectáculos importantes, no mesmo dia, 23 de Setembro, dentro da área do seu âmbito.

Em vista disso, a *Tournament Champions Society* antecipou o combate entre Tony Zale e Marcel Cerdan, para o título de «médico», passando-o para 21 do próximo mês. Desta maneira, o Madison Square Garden acha-se preparado, pois pretende levar a cabo o desfecho Ika Williams-Jess — para disputa do título de «esportista» no dia 23.

As nossas dúvidas, apresentadas no último número da *Stadium*, foram confirmadas, como se vê:

Medina em «forma»

O galego Theo Medina, detentor do título de campeão do mundo na categoria «levisísimos», apresentou-se ao público de Colômbia em muito boa «forma». Para seu adversário, para o título, narroquino Mustaphaoui. Despois do 3.º assalto, Medina assegurou grande vantagem e venceu por *knockout* ao 5.º round.

Outros resultados

Em Basileia, o campeão italiano (Luis) Uboldina venceu o sulco (Luis) Renucci por pontos (dez assaltos).

Os ingleses, depois que Freddie Mills venceu o veterano americano Gus Lesnevich e lhe arrebatou o título, ficaram surpreendidos com a notícia da doença do seu campeão. Diz o *manager* de Mills que Freddie ficou sofrendo de dores de cabeça e os médicos tentaram-lhe absoluto repouso por longo tempo.

O boxe profissional, como se sabe, tem pouco de desporto e muito de risco. A sua vigilância está hoje no âmbito dos organismos tipicamente emadores.

TENIS

A Taça Davis

Os jogadores australianos, Sidwell, Quist Brown e Collin Long venceram-se triunfalmente do desfecho em os mexicanos, para o apuramento do vencedor da zona americana.

Sidwell derrotou Vega (2/6, 3/6, 1, 7/5); Quist venceu Palefox (6/4, 1, 6/4 e Brown-Long dominaram por Vega-Palefox, (6/0, 6/2, 6/2).

O *match* inter-zonas, porá frente à Austrália e a Checoslováquia, em Boston (E. U. A.). Os listos Drobny e Carnik já se encontram naquele cidade americana, para onde partiram de Praga, em avião.



NOTA DA SEMANA

Os catais de índoles absolutamente desportivas são ainda bastante raros em Portugal, mas no estrangeiro proliferam. Graças à publicidade, é às proezas das respetivas consortes, já ninguém desconhece, por exemplo, os ménages Blankers-Koen, Gardner, Sprecher, etc., cujas actividades olímpicas se conservam na memória de muitos leitores.

Assim, a recepção triunfal que o público de Amsterdão levou a cabo para festejar o regresso da sua conterrânea, Blankers-Koen, obscureceu um pouco a pessoa de seu morganático esposo, aliás treinador da equipa nacional de atletismo. Semelhantemente, a Sr.ª Maureen Gardner, detentora com a precedente do recorde mundial de barreiras (80 metros), e seu cônjuge — notado, quasi, ao anonimato pelo esplendor da cara melada — constituem um par cem por cento desportivo, pois o marido é treinador da equipa inglesa.

Mas os esposos Sprecher, francesíssimos, batem o recorde. Ambos praticam o atletismo a valer. Ele, brilha em várias modalidades e entrou no torneio do decatlon olímpico; ela, representou a bandeira tricolor nas corridas de velocidade.

Durante a permanência do casal em Londres, a sr.ª Sprecher esteve alojada em Eccleston Square, no centro da urbe gigantesca, e o sr. Sprecher ficou instalado em Uxbridge, no acampamento olímpico masculino.

A clausura e o afastamento durou alguns dias, mas o capricho do horário das provas determinou que ambos competissem ao mesmo tempo, sobre a erva e a cinza do Estádio de Wembley.

Madame Sprecher, estimulada pela presença próxima do marido, triunfou na eliminatória da corrida de 200 metros e logo ele abandonou o lugar do lançamento do peso, a que competia, e foi felicitá-la... na presença de 80.000 espectadores.

Em vez do beijo matrimonial trocaram um simples ósculo pudibundo, na face, para não ofender as praxes olímpicas, e cada qual voltou às suas ocupações.

O contacto, no entanto, impressionou-os. O sr. Sprecher não fez nada de jeito ao arremessar o peso e a esposa ficou eliminada na prova imediata.

Simple coincidência ou o resultado de excessiva emoção? Aqui está uma pergunta a que só os próprios saberiam responder!



ALGUNS dos mais importantes jornais desportivos europeus, nomeadamente L'Equipe, (francês), La Gazzetta dello Sport (italiano), Idrottsbladet (sueco), Les Sports (belga), etc., resolveram perfilar a proposta do professor Torsten Tegner, publicando uma classificação completa dos Jogos Olímpicos baseada num critério racional de pontuação, que se afasta bastante do sistema geralmente adoptado.

Os princípios que presidiram à elaboração do referido sistema são os seguintes, cuja enumeração deixamos arquivada para conhecimento do leitor:

1.º Classifica hierarquicamente, por ordem de importância, as diferentes modalidades que fazem parte do programa dos Jogos Olímpicos;

2.º Separar os desportos individuais dos colectivos;

3.º Conceder a primazia ao atletismo.

Em consequência do reconhecimento destes princípios, aliás — a nosso ver — absolutamente racionais, assentou-se na seguinte escala de pontuação:

1.º Em atletismo, desporto máximo, cada vencedor terá 10 pts. Os restantes classificados receberão 5, 3, 2 e 1 até ao 5.º, inclusive;

2.º Em natação, desporto basilar, os vencedores leem 5 pts e aos seguintes atribuem-se 3, 2 e 1 ponto até ao 4.º classificado;

3.º Em futebol, desporto de grande universalidade, o primeiro receberá 5 pontos e os 2.º e 3.º, respectivamente, 3 e 2.

4.º Em todos os outros desportos, o vencedor terá 3 pontos e os 2.º e 3.º, dois e um pontos.

Nota — As provas femininas serão classificadas com cinquenta por cento dos pontos estipulados para as provas masculinas correspondentes.

A nosso ver, existe só um óbice: a dificuldade de dividir em partes inteiras os números ímpares, quando se tratar de provas disputadas pelo sexo ex-fraco. Isto, sem levar em conta o protesto vigoroso das damas, atleticamente superiores aos jornalistas que não arrebatadamente osaríamos diminuir os méritos delas, ao compará-las com os dos homens.

A este respeito, caro leitor de saias, permita-me que engeite toda e qualquer responsabilidade no acontecimento! — R. B.

ATLETISMO

Uma mulher de respeito

A circunstância de alguns países europeus e asiáticos não se ter feito representar nos J. O. reduziu e importância dos mesmos e abalou o nível das competições.

Como exemplo, citaremos a proeza recentemente levada a cabo pela grega e aileta repórter de Georgia Caussásica, Nine Dumbadze vencedora do Campeonato da Europa de 1946, no lançamento do disco. Esta mulher «de respeito» arrojou o engenho a 53,25 metros, batendo o recorde mundial.

Mesmo levando em conta que o disco feminino pesa menos um quilo, é caso para nos admirarmos. A vencedora de mesma modalidade, nos Jogos de Londres, Miquellina Ostermeyer, não passou de 41,92 metros.

Que diferença!

O meeting Internacional de Paris

Na Pista de Colombes, perto de Paris, o Racing Clube de França organizou um festival desportivo com a colaboração de vários atletas dos E. U. A. Os resultados, devido ao bom estado das pistas, foram excelentes e aqui apresentaremos a súmula:

- 100 metros — Ewal (10,5 seg.);
- 200 metros — Dillard (20,8 seg.);
- 400 metros — Bollen (46,7 seg.);
- 800 metros — Barten (1 51,8);
- 1.500 metros — Hansen (3,50,4);
- 5.000 metros — Stone (14,42,6);
- peso — Fuchs (16,50);
- disco — Concllin (53,50);
- derdo — Seymour (70,75);
- martelo — Bennel (53,82);
- salto em altura — Stenlick (1 95);
- complemento — Wright (7,47) vara — Smith (4,37);
- tripla — Epeli (14,33).

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

BIGICLETAS

«HELIOS» 1.310\$00
«RALEIGH» 1.990\$00

Peçam novas tabelas

Armando Crespo & C.ª
Rua do Crucifixo, 116 a 124
LISBOA — Telefone 27027

Fernando Moreira

neste número em separata

"PORTUGAL TIENE UN GRAN TORERO"



A esquerda: Chiquito abraça Manuel dos Santos depois de lhe ter dado alternativa



A direita: Com a capa, Manuel dos Santos toureou assim, e à «verónica» e em bons recortes



MAIS que as opiniões de um compatriota de Manuel dos Santos valem as dos criticos-

-taurómáquicos sevillanos que escreveram da sua alternativa, e cujas crónicas passamos a traduzir: Assim, Delavega, com o título de «Portugal tem um grande toureiro», diz: «Os seus dois touros não se prestaram a luzimento. Na alternativa demonstrou uma valentia admirável. Quando o citava com a «muleta» na mão direita, o touro, longe de olha-la, olhava o toureiro. Intentava o bicho iniciar a viagem, e o toureiro permanecia impassível. Com um coração que se não alterava, ali estava Manuel dos Santos dizendo aos sevillanos que com razão tinham confiado nele. Que ele sabia pisar um terreno inconcebível e fazer que com a sua maestria lhe obedecesse o touro que, por fim, arrancava à «muleta» e passava por ela submisso. Bom toureiro o do português. Como sabe fazer passar o touro e leva-los embebidos!

Deu vários em redondo, extraordinários, e outros por alto. Dois «pinchazos» e meia estocada acabaram com a vida de «Verdon», negro, com o n.º 105, que assim se chamava e numerava o da alternativa.

Uma ovação grande premiou o trabalho do valente toureiro, aumentada durante a lide do sexto touro. Foi este o único touro perigoso da corrida. Grande e com casta, conservou-a depois das varas e em mais de uma ocasião se colou ao toureiro nos passes naturais em que tanto expoz, não só ao desafiar o touro mas também ao aguentar a investida perigosa. Toda a faina foi cheia de emoção e também da boa classe do toureiro, que não se liziu apenas pelas más condições do touro.

Este touro matou-o melhor, de um «pinchazo» e de uma boa estocada. Uma grande ovação despediu o novo matador que com

a capa fez «quites» bons e valentíssimos, em vários deles deixando passar o touro pelo peito e enrolando-o à cintura em excelentes recortes. Pôs dois pares de bandarilhas muito boas, fazendo alarde das suas faculdades».

«A grande padrinho, bom neofito» — diz «Don Fabricio» no «ABC» — O lusitano Manuel dos Santos, na tarde do dia da Padroeira de Sevilha, recebeu alternativa de matador de touros das mãos do decano dos artistas, e o novo «espada» soube corresponder à honra do mestre que lha deu. Digamos que os touros do marquês de Villamarta tinham falta de temperamento, agravado pelo brutal castigo dos picadores. Os que lhe corresponderam a Manuel dos Santos por sorte, por má sorte, foram mansos desde que saíram. Santos, com animo de sobra, cruzou-se com eles em forma inverosímil, aguentando horrores, sem se imutar.

De tanta galhardia usou Manuel dos Santos que frequentemente arrancou ovações antes dos touros arrancarem.

Bandarilhou com muito estilo, sendo ruidosamente ovacionado, e solicitado por dar a volta à arena no touro da alternativa. E deixou a salvo o pundonor e a idoneidade para o exercício profissional!

Finalmente, «Remigio Ruiz» diz:

«A arte e a valentia de Manuel dos Santos ficaram novamente de manifesto e ao flamante auguramos grandes triunfos. Com as bandarilhas mostrou-se consumado artista e foi ovacionado em laçes apertados, e ao som da música.»

Resumo: Portugal tem um grande toureiro! Vimos e subscrevemos pela tradução.

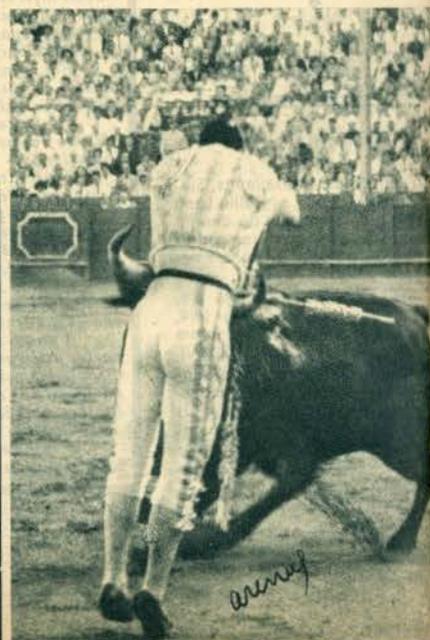
Rogério Pérez

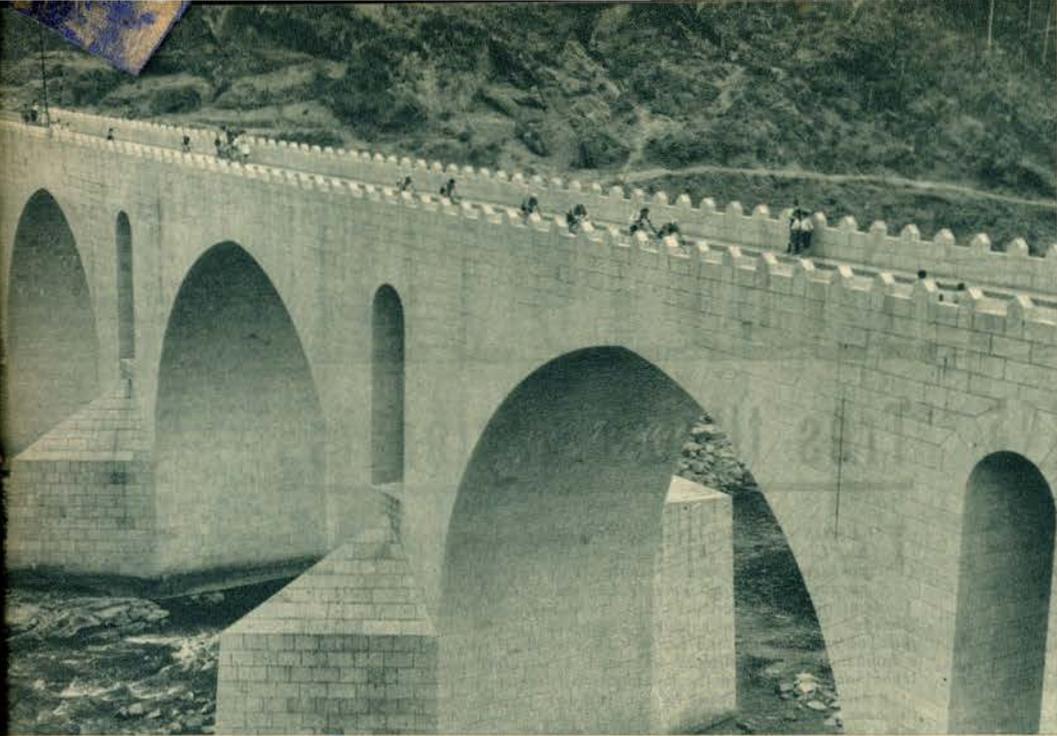


A esquerda: E «muleto» assim, com arte, valentia e destresa, toureiro, toureiro!



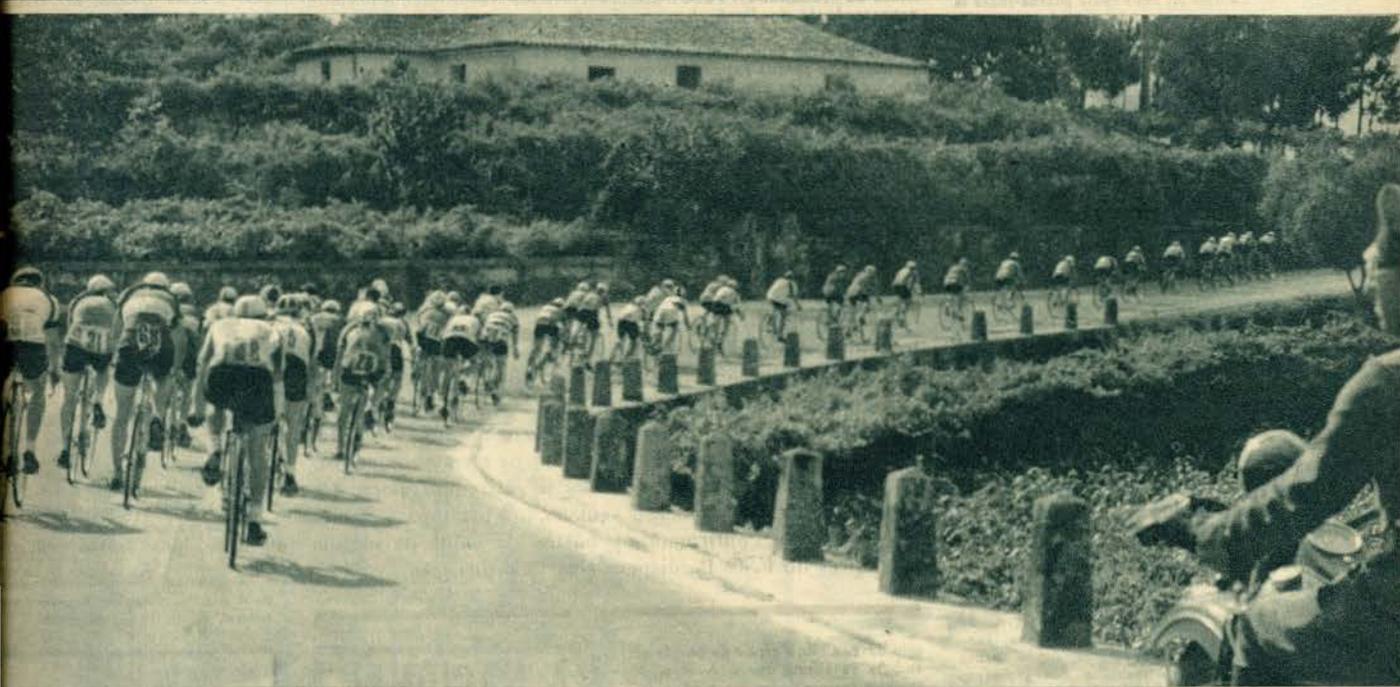
A direita: Assim bandarilhou Manuel dos Santos, entre as hastes, dando o peito





Publicamos ainda estes dois belos trechos da 13.^a Volta a Portugal que, havendo terminado há mais de uma semana, continua a interessar vivamente os sectores desportivos na análise do que fizeram os campeões da estrada e no confronto da actuação de estrangeiros (espanhois, franceses e italianos) com os portugueses.

Este desporto tão divulgado no nosso país presta-se, na verdade, às mil maravilhas, para os fotografos darem largas à sua inspiração arrancando à Natureza páginas magnificas como esta que publicamos, do nosso reporter fotográfico Jorge Garcia.



O pai de Fernando Moreira aguarda ansiosamente a chegada do filho, em Espinho. Em volta juntam-se pessoas de família e populares, os fiéis admiradores do grande ciclista



Perto da noite, os três corredores da equipa do Porto, chegam a Espinho no automóvel que acompanhou a prova, e dirigem-se ao Porto, à sede do Club, por entre filas compactas de admiradores, na estrada e na cidade



Na sede do Futebol Club do Porto, Fernando Moreira, Berrendero e Dias Santos são recebidos festivamente, num belo instante de glória clubista

na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

CONFIRMA-SE UMA NOTÍCIA...

Há tempos informamos que um conhecido guarda-redes lisboeta estava interessado em ingressar no F. C. do Porto.

Estamos preparados para confirmar a notícia. Mais: esse guarda-redes já se encontra nesta cidade, o que foi revelado recentemente na imprensa. Nós, porém, já o havíamos dito.

Claro que não garantimos que tal aconteça. Por agora, limitamo-nos a dizer que o homem está no Porto; depois se verá...

O FLUVIAL E A SUA SECÇÃO DE ANDEBOL

O nosso camarada Alves Teixeira, a despeito da sua acção no Vasco da Gama, não é inimigo das outras equipas de basquetebol. Antes pelo contrário.

Agora mesmo nos chega a notícia seguinte: — o conhecido jornalista vai dirigir também os grupos do Clube Fluvial Portuense, que possui uma prometedora equipa.

É curiosa esta decisão. Prova-se, pelo menos, que Alves Teixeira, antes de tudo, gosta do basquetebol.

Se assim for...

A REPRESENTAÇÃO PORTUENSE NA «VOLTA»

Os desportistas portuenses estão contentes com a acção do F. C. do Porto na 13.ª «Volta a Portugal» em bicicleta. O Académico e o F. C. do Porto, cada um por sua vez, conduziram as operações, sendo apenas apagado o trabalho dos representantes do Boavista e Salgueiros.

De qualquer modo pode afirmar-se que o ciclismo venceu no Norte. Depois da Volta, no Lima, realizar-se-ão festivais de pista, e desde já se pode aguardar boa concorrência de público.

UMA GRANDE SURPRESA DENTRO DE POUCO TEMPO

Não nos é possível dizer o que sabemos sobre determinada informação de «primeira água». Garantimos ao leitor, porém, que aparecerá dentro de pouco tempo uma grande surpresa no futebol portuense.

Entretanto, vamos dizendo que os treinos começarão dentro de alguns dias. Nota-se muito entusiasmo dentro dos clubes, especialmente no

Três títulos nacionais

TIVEMOS já ocasião de aplaudir a magnífica campanha do Sporting Clube de Vasco da Gama, triunfador máximo do basquetebol português, na época presente. O exemplo do Vasco da Gama, porém, foi magnificamente acompanhado pelo F. C. do Porto e Académico F. C., vencedores dos campeonatos nacionais das 2.ª e 3.ª Divisões. Vê-se, portanto, que o basquetebol portuense, por bem dirigido, obteve o seu maior triunfo. O maior. Os três clubes portuenses, e também o Clube Fluvial, merecem esta referência elogiosa, pois trabalharam com os maiores cuidados na preparação dos seus homens.

Além dos três títulos nacionais e da «Taça de Honras», não pode também esquecer-se que o Fluvial foi ainda segundo na prova máxima da modalidade. Tudo trocado em meudos revela-nos que nenhum representante do Porto ficou mal colocado nas provas em que entraram.

É preciso continuar, progredindo ainda mais. No campo «internacional» não fomos capazes de corresponder, embora se possa afirmar que as seleções não corresponderam ao valor real do nosso basquete. Seja como for, deseje-se que a popular modalidade possa progredir em todo o País. Independentemente do louvor devido aos clubes portuenses vencedores, importa-nos que todos se interessem na luta pelo prestígio que o último encontro Portugal-Espanha abalou.

CURIOSIDADES...

O F. C. do Porto anda em negociações com um jogador estrangeiro de grande categoria. A importância pedida pelo clube a que pertence, porém, complica um tanto o êxito das negociações.

◆ Além de garantir a colaboração de Serafim e Caiado, o Boavista conta igualmente com outros elementos novos.

◆ Já se organizam as linhas da próxima época. Os treinos começarão ainda esta semana, nos principais clubes.

◆ Não se confirmam os boatos da saída de alguns jogadores do F. C. P., dispensados pela direcção.

seio do F. C. do Porto e do Boavista, embora se afirma que o Académico também recrutou elementos de valor. Mas cedeu Tomé à Covilhã.

Prezisa o clube do Lima de se afirmar no futebol, como há épocas. O futebol desporto n.º 1, dar-lhe-á outra vida.

OS CONTRATOS DOS CICLISTAS ESTRANGEIROS

Vamos revelar aos leitores as condições aceitas por Berrendero e Grauss para correrem pelo F. C. do Porto. Berrendero receberá 10 contos, mas descontando nessa importância todos os prémios que conseguiu.

Logo, pôde ficar quase de graça ao F. C. do Porto. Grauss, receberá os prémios e 2.000 escudos. Havemos de concordar que há ciclistas portugueses bem mais caros...

Uma vitória indiscutível

«Quem porfia mata caça» — eis o caso. O Porto, talvez o Norte, se quiserem, gosta do ciclismo há muitos anos. Praticam-o desde velhos tempos. Alguns corredores nortenhos — Baltazar Falcão, Manuel Nunes da Silva, Abreu, Elias Cruz, Albino Nunes da Silva, Manoel Fernandes da Silva, Carvalho Marques e tantos outros, conseguiram para a sua terra vários triunfos categorizados.

Organizaram-se por cá várias corridas, a que concorreram ciclistas valerosos de outros centros, entre os quais Lisboa. O «Giro do Minho» e o «Matosinhos - Valença - Matosinhos» chamavam sempre a melhor concorrência de público, entusiasmado ao longo das estradas e os resultados apaixonaram multidões.

No momento presente, o ciclismo portuense, ou nortenho, vive em maré alta de entusiasmo. A vitória de Fernando Moreira e do F. C. Porto, duas grandes vitórias, na verdade correspondem ao esforço que o Norte tem produzido no desejo de expandir a modalidade.

É a primeira vez que o Porto se impõe desta maneira, a despeito da sua boa contribuição noutras épocas. Custou realmente — mas aprendeu a sua hora. Por isso não surpreende a satisfação do público nortenho e portuense. A sua alegria está justificadíssima. Fernando Moreira, Dias Santos e Berrendero; Joaquim Costa e Joaquim Sá, componentes do clube vencedor, receberam aplausos e honras merecidas pelo seu esforço durante uma prova dura.

É preciso continuar, porém. A notícia de que Fernando Moreira abandonará o ciclismo não deve confirmar-se. Fernando Moreira está ainda muito jovem para despatatear da estrada. Assim, o Norte e o Porto, continuarão a manter-se seriamente, confirmando a grande vitória deste ano.

De resto, Fernando Moreira já afirmou que não abandona a velocidade. A notícia agrada bastante aos seus admiradores, e o ciclismo nortenho lucra também muitíssimo.

Na próxima época, o Porto voltará para a luta, disposto a perder e a ganhar. Assim se faz desporto.

A NACIONAL



Fábrica
de malas,
pastas
e artigos
de viagem

Peles e Confeções

A mais antiga, a mais acreditada

NOTA: Aos Desportistas
15% de desconto c/apre-
sentação do Cartão
R. da Palma, 34-l.º — LISBOA
— Telefone 27928 —

ARTIGOS
DE SPORT
E JOGOS

SPRIL

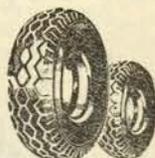
Rua do Loreto
34-2.º — LISBOA
Telefone 2797



**PNEUS
E
CAMARAS DE AR**

MABOR

Produção da
**MANUFACTURA NACIONAL
DE BORRACHA**



PATINS INGLESES

os mais populares

E ACESSÓRIOS

PARA BICICLETAS

Representantes

F. H. D'OLIVEIRA & C. L. DA

LISBOA — C. Marquês de Abrantes, 52 — Telefone 6 0113
PORTO — Rua do Almada 243 a 245 — Telefone 2 4208

Números

e Curiosidades

(Continuação da pág. 7)

17; Calvino, 16. Sabino, 15; Camarada, 13; Balbino, 9; Helder e Felix, 8; Noia e Lopes, 2. Com um jogo: Bandeira, Albino, Chitina, Parra e Toledo.

Iaurindo sofreu 49 golos e Balbino 29.

O melhor marcador de tentos foi, como acontece normalmente, o avançado-centro, Angelino, com 10 golos. Almeida, 6 golos. Germano, Sabino e Vasques, 3 (este último com dois golos metidos directamente na execução de «corners»!).

Helder, Caldeira, David e Madeira, meteram, cada um, o seu «ponto de honra».

Os avançados do Lusitano obtiveram um recorde: foram os que meteram menos golos de todas as equipas! O facto é curioso porque o novel «onze» do «Nacional» obteve sete vitórias — cifra que o coloca acima de três clubes — mas justifica-se porque o Lusitano só uma vez foi além de dois golos no mesmo desafio, perdesse ou ganhasse!

Em matéria de golos sofridos, o Lusitano detem uma bizarra classificação. Em «casa» é o 4.º classificado (empatado o Vitória Setubalense), à frente do Sporting e do Estoril Praia, mas «fora» de «casa» é o penúltimo, mas com tal diferença (40 golos!) que queda penúltimo à mesma, no conjunto das duas classificações! O Lusitano sofreu a mais expressiva punição do Campeonato — a derrota por 12-0 contra os campeões nacionais — mas contra o Benfica, «O Elvas», Sporting de Braga, Belenenses e Estoril Praia, as marcas também ascenderam a certo volume, o que não obistou, que, de Vila Real de Santo António, quasi todos tivessem regressado... com uma «batata» no quadro dos resultados!...

É curioso observar que o Fa-

Peçam folhetos para indicação dos segmentos de lâmina

RESTOR

*Restor...
o segmento que
resta*



Agentes no Sul
Equipauto, L. da

Equipamento geral
para automóveis

Telefone 2 0123
Rua do Telhal, 33
LISBOA

malício, concorrente em 1947, e que cedera o seu lugar ao Lusitano, obteve o mesmo número de pontos, vitórias e (7), derrotas (16) e empates (3) que o «onze» algarvio, mas marcou 60 golos (o dobro!) e sofreu 100!

Vasco C. Santos

A seguir: Sporting Clube de Braga.



Fornecemos equipamentos completos para FÚTEBOL e para todas as modalidades desportivas
ANTES DE COMPRAREM CONSULTEM OS NOSSOS PREÇOS

Facilidades nos pagamentos aos clubes
Preços especiais aos CLUBES DO NORTE

CASA DESPORTO — Rua da Madalena, 196
Telefone 30606 LISBOA

ARCADIA

O DANCING N.º 1
— DA CAPITAL —

Apresenta a super-atração

Lolita Torres y Pepe Ballesteros

Los Mejores de Espanha

com Yolanda, Dandy et Dina, Cermelita de Córdoba, Nancha de Aragón, Mary Mely, Ballet Dix Louise Girls e Mabel Valência

Música constante pelas Orquestras **Larrea** com a vocalista **Joakita Tenor** e **Arcadia**

Campeonatos Nacionais da F. N. A. T.



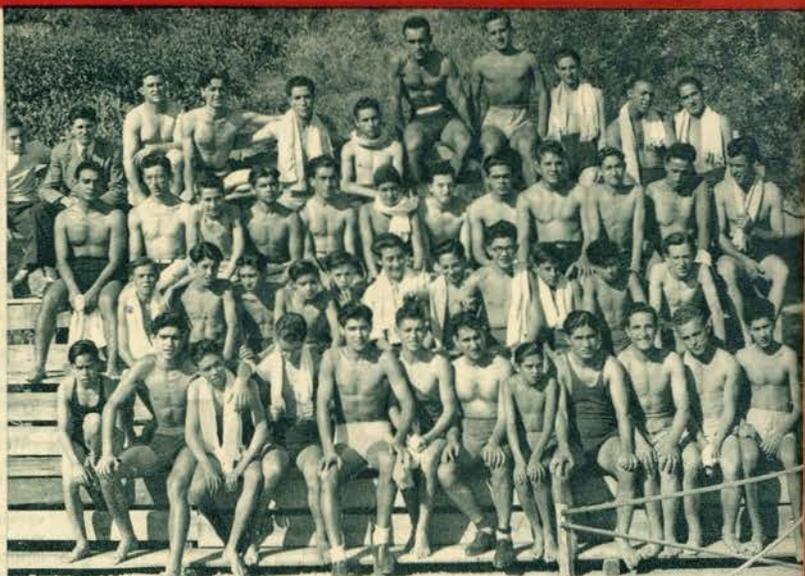
Os corredores de 1.ª categoria cortam a meta no Campo Grande: à frente José Tavares da Silva, seguido de Manuel Gonçalves e Julio Moutão, que, apesar de apoquentado com uma furunculose, fez uma prova excelente



Vários concorrentes à prova da 2.ª categoria, Bombarral-Lisboas, concluem a corrida, vendo-se no fio da chegada um representante do Grupo Desportivo da Casa «Paulo Resnais»



Em plena estrada, um pouco depois de Torres Vedras, os 4 corredores de 1.ª categoria, Julio Moutão, Tavares da Silva Manuel Gonçalves e Amandio Monteiro disputam animadamente a sua prova, Caldas da Rainha-Lisboas, obtendo uma interessante média



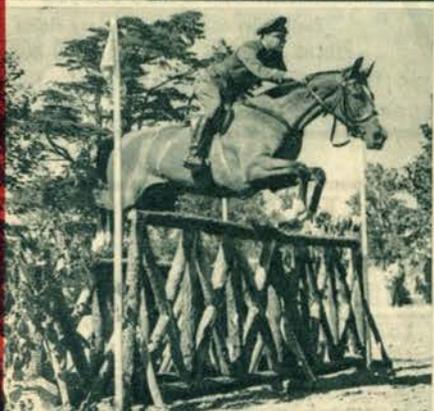
PROVAS DE NATAÇÃO



O «Dia de Natação», brilhante iniciativa do nosso prezado colega «A Bola», constituiu um verdadeiro êxito, atraindo muitos praticantes da nataçào, algumas centenas. Trata-se de uma organização que é, ao mesmo tempo, uma obra educativa no campo do desporto. Damos, em cima, um grupo de concorrentes à prova de «A Bola»



E em baixo, publicamos um grupo parcial de concorrentes aos Campeonatos Nacionais de Nataçào excelentemente organizados pela F. N. A. T. na piscina do Algés e Dafundo



O capitão José Carvalhosa na «Florida» vencedor da prova de «Caças»



O capitão Reimão Noqueira, no «Congo», vencedor do «Grande Prémio» e da prova «Camara Municipal de Sintra»



O tenente Joaquim Barreto montando «Selecto», vencedor da prova «Seteais»